

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O 'SE': O PRONOME CAMALEÃO

1. A natureza camaleônica do pronome SE tem dado margem a estudos que abordam principalmente problemas relacionados à passivização, à indeterminação do agente<sup>1</sup> e à reflexivização: três de suas colorações mais freqüentes.

Com relação a esses estudos — em sua maioria sincrônicos e desenvolvidos segundo os postulados básicos da teoria Gerativa-Transformacional — é curioso observar que embora o assunto possa estar diretamente relacionado à reflexivização, por exemplo, o problema da passivização e da indeterminação do agente acabam sempre sendo simultaneamente discutidos.<sup>2</sup> Quaisquer que sejam as análises e conclusões a que se tem chegado com relação a esse fenômeno, esses estudos deixam bem claro que a gramática tradicional, além de não apresentar homogeneidade de opiniões a esse respeito, fornece descrições e análises muito pouco satisfatórias.

Um outro ponto que é geralmente aceito como pacífico é o de que “. . . (o se-impessoal e o 'se' dito apassivador) não se confundem com os reflexivos.” (Almeida, 1977: 80).

No âmbito geral é meu objetivo mostrar com esse trabalho que as três colorações deste pronome camaleão podem se manifestar simultaneamente e que considerações relativas à posição de certos elementos na sentença, à especificação semântico-pragmática do item lexical em questão (i.e. no caso do verbo) e o contexto pragmático em que a sentença se insere são indispensáveis no sentido de determinar a função exata desse pronome nas sentenças do português.

Mais detalhadamente pretendo mostrar que o português apresenta evidências do que Comrie (1977) chama 'Spontaneous Subject Demotion' (doravante: Deslocamento Espontâneo do Sujeito), fenômeno esse que envolve tanto as construções com SE como construções sem SE, i.e. construções normalmente consideradas como *ativas*<sup>3</sup>.

2. Embora as gramáticas normativas do português estejam longe de apresentar análises satisfatórias do emprego do pronome SE, os autores desses compêndios ressaltam sempre que, se por um lado não se deve "confundir o "SE" índice de indeterminação do sujeito com o "SE" pronome apassivador" (Kury, Bueno, Oliveira, 1979: 14), por outro lado, como afirma Cegalla, a sentença

(1) "Retirou-se a guarda

tanto poderia ser voz passiva como reflexiva." (1980: 140-141)<sup>4</sup>

No entanto, apontado o problema, não fica absolutamente esclarecido por que a passivização e a indeterminação do agente podem vir a ser confundidos ou por que o SE pode ser classificado tanto como índice de passivização quanto como pronome reflexivo *numa mesma sentença*.

Numa tentativa de estabelecer a diferença entre a indeterminação do agente e a passivização com a partícula SE, lingüistas e gramáticos<sup>5</sup> têm considerado construções do tipo

(2) Vende(m)-se casas.

como ativas. Outros, como Quicoli, mencionam a aparente ambigüidade da sentença

(3) Vende-se casas.

da qual se pode inferir as seguintes leituras:

(3a) (Agente?:) Vende casas

ou

(3b) Casas são vendidas.

Segundo Quicoli a ambigüidade observada seria somente *aparente* pois (2) e semelhantes são sentenças impessoais em que a postulação da existência de um símbolo posição  $\Delta$  Agente na estrutura subjacente é, conseqüentemente, implausível. Quicoli também se refere à ambigüidade *real* do chamado emprego passivo do reflexivo em sentenças como:

(4) Feriu-se o soldado no campo de batalha.

que pode ser interpretada como:

(5) O soldado se feriu no campo de batalha .

ou

(6) O soldado foi ferido no campo de batalha .

Curiosamente, esse autor não considera ambígua a sentença:

(7) Abriram-se as castanhas .

que, para ele, equivale unicamente a:

(8) As castanhas se tornaram abertas.

Sentenças como (7) são, no entanto, bastante imprevisíveis. Senão observe-se que a discutível não-ambigüidade de (7) se torna ainda mais discutível diante de sentenças como (9), abaixo

(9) Abriram-se as portas .

Já (10) Abriram-se as rosas . e semelhantes,

excluem a interpretação passiva — As rosas foram abertas<sup>6</sup> — por razões ligadas a um certo estado de coisas, um certo conhecimento do mundo a nossa volta. Ou seja, um certo conhecimento semântico-pragmático.

Em outros casos, como veremos abaixo, não é nem aquilo que se convencionou chamar de Sintaxe, ou de Semântica, mais sim o contexto pragmático que vai determinar a coloração exata desse pronome. A sentença

(11) Ele se barbeou .

equivalerá a

(12) Ele foi barbeado .

se dita num contexto em que *Ele* estiver saindo de uma barbearia, por exemplo. Fatos como esse nos levam a outros problemas não menos interessantes como o da possível interrelação entre a sintaxe e a pragmática, o da relevância desta para uma classificação de certos fenômenos lingüísticos considerados “sintáticos” e finalmente à reformulação das noções Chomshyanas de gramaticalidade/agramaticalidade. Essas considerações, no entanto, não serão discutidas detalhadamente nesse artigo pois, devido a sua importância e complexidade, merecem uma análise mais cuidadosa do que se lhes poderia dispensar no âmbito desse trabalho.

3. Voltemo-nos para o problema da passivização. A sentença (12) e certamente a grande maioria das construções passivas *Ser-do* usadas neste artigo omitem o agente da ação verbal, o chamado Agente da Passiva. Como em outras línguas, a passiva *Ser-do* em português é um tipo de construção usada para indeterminar, ou melhor, calar o agente. Esse fato é muito mais sensível no caso da chamada passiva impessoal, da qual certas construções com verbos transitivos diretos + o pronome SE são um exemplo. Assim, é através da interpretação 'passiva' de (11) — Ele foi barbeado — e de sentenças semelhantes, que se chega à indeterminação ou omissão do agente da ação verbal. Em outras palavras, é precisamente por ser um tipo de construção que admite também uma interpretação 'passiva' que se torna possível utilizá-la quando se quer calar o agente. Ou então numa análise inversa, como por exemplo a de Mariano (1973: 107):

“a indeterminação do agente — não totalmente especificada ou totalmente ausente — é o que causa a passivização de sentenças.”

Não me parece, portanto, correta a análise tradicional que classifica as construções Verbo Transitivo Indireto ou Intransitivo + SE como índice de indeterminação do sujeito e as construções Verbo Transitivo Direto + SE unicamente como índice de passivização. Isso, na verdade, equivale a dizer que em Português só se pode indeterminar o agente em construções com verbos transitivo indireto ou intransitivo, o que não é verdade. Também não me parecem corretas as análises lingüísticas que consideram as construções de verbos transitivos diretos + SE unicamente como *ativas*, isto é, construções que indicam a “supressão de qualquer sujeito individualizado” (Câmara 1976: 173, apud Nascimento 1979: 54). Nascimento cita ainda Saïd Ali ao argumentar que a passiva SE e a passiva perifrástica “não têm nenhum parentesco” (p. 52):

“Imaginemos a seguinte parataxe: nessa terra grita-se e trabalha-se; faz-se tudo e em tudo se desfaz; vive-se enfim miseravelmente e na miséria se morre. Tão perfeito é a paralelismo das formas verbais tendo o reflexivo SE, como é o paralelismo da noção de atividade expressa por essas formas” (p. 53-4).

Ora, o “paralelismo da noção de atividade” expresso por essas formas só pode ser interpretado, a meu ver, como a supressão ou indeterminação de qualquer sujeito individualizado; e é justamente esse o raciocínio que estou usando não para separar *passiva Ser-do* de construções *Verbo Transitivo direto + SE* ou de construções *Verbos Transitivo indireto ou Intransitivo + SE*, mas sim para uni-las e de tal forma que se torna, em muitos casos como veremos adiante, praticamente impossível distingui-las. (Cf. nota 3).

4. Statha-Halikas (1977) observa que o reconhecimento do fato de construções passivas e construções impessoais estarem intimamente relacionadas, e em várias línguas, foi obscurecido pela teoria transformacional. É fato que a omissão do agente da ação verbal em construções de 'sentido passivo', é notada particularmente quando observamos as estruturas presentes na língua oral. Observe-se o seguinte trecho retirado de uma gravação de uma aula de biologia para alunos do segundo grau:

- (13) . . . faz o corte do tecido, faz a fixação. . . coloca-se em uma lâmina. . . Primeiro coloca-se na lâmina e depois faz-se a coloração se quiser ver citoplasma faz a coloração de outra cor e depois faz a observação no microscópio. . .

Nessa mesma seqüência os mesmos verbos ocorreram na 3ª pessoa do singular, ora com o pronome SE, ora sem ele, exemplificando um mesmo tipo de construção. Observe-se ainda os exemplos abaixo retirados da mesma gravação:

- (14) Agora, a partir de 1590 foi ampliando então o estudo das células. . .  
(15) . . . então a partir dessa descoberta do microscópio em 1590 deu partida ao estudo das células. . .  
(16) . . . não é besteira não/ é ovo mesmo/ porque na hora que ocorre a fecundação vai unir o espermatozóide com o óvulo formando a célula-ovo. . .

Outros estudos também relacionados com a língua oral (E. Pontes, 1981; R.M.A. Veado, 1980) têm apontado esse tipo de construção: Verbos Transitivos Diretos na terceira pessoa do singular sem o SE, seguidos normalmente de um SN:

- (17) O jaboti dá pra ver de noite?  
(18) (Como é que você planta algodão?)  
– Uail É igual o mio. Abre a cova e tampa.

Outros exemplos mais conhecidos são:

- (19) Rasgou a camisa.  
(20) Quebrou o copo, e etc.

Cumpra ainda observar que verbos transitivos indiretos e intransitivos também ocorrem nesse tipo de construção:

- (21) . . . esta é a: maneira de chegar às coisas. . .  
(22) Precisa de empregada nessa casa<sup>8</sup>.

Esses casos, no entanto, não serão discutidos pois estou interessada naqueles verbos transitivos diretos que admitem passivização. Este é o

caso de (13) – (20) que equivalem na língua escrita, ou às vezes num registro formal, a uma construção com SE:

- (13a) . . . faz-se o corte do tecido, faz-se a fixação. . . coloca-se em uma lâmina. . .
- (14a) Agora, a partir de 1590 foi-se ampliando então o estudo das células. . .
- (15a) . . . então a partir dessa descoberta do microscópio (que) se deu partida ao estudo das células. . .
- (17a) O jaboti dá pra se ver de noite
- (18a) Abre-se a cova e tampa-se (a cova).  
(Abre-se e tampa-se a cova)

que por sua vez equivalem a:

- (13b) É feito o corte do tecido, é feita a fixação. . . (o tecido) é colocado em uma lâmina. . .
- (14b) Agora, a partir de 1590 foi sendo ampliado então o estudo das células. . .
- (15b) . . . então a partir dessa descoberta do microscópio em 1590 (que) foi dada a partida ao estudo das células. . .
- (17b) O jaboti dá pra ser visto de noite.
- (18b) A cova é aberta e é tampada.

em que, com licença da construção, omitiu-se o agente.

Convém observar ainda que os casos de omissão do agente em construções como (13) – (20) se fazem com o verbo na terceira pessoa do singular, considerada a forma não marca em português e segundo observa Comrie (1977) a forma geralmente menos marcada em todas as línguas. É justamente a ausência de um agente específico que permite estabelecer uma equivalência entre (13) – (20) e seus respectivos exemplos (a) e (b).

5. Ao argumentar, com base na teoria da Gramática Relacional, em defesa de um deslocamento espontâneo do sujeito em construções passivas impessoais, Comrie (1977) cita o espanhol, o latim, o alemão, o holandês, o polonês, o galês e o finlandês como exemplos de línguas que apresentam construções passivas em que o sujeito é deslocado de sua posição original sem que isso, no entanto, provoque um conseqüente deslocamento do objeto para a posição deixada vaga pelo sujeito. Gostaria de argumentar, com base no trabalho de Comrie e nos dados aqui levantados, que o português também pode se juntar a essa lista.

Segundo a teoria da Gramática Relacional, a derivação de uma sentença passiva envolve duas mudanças na relação sintática da estrutura subjacente: o objeto direto passa a posição de sujeito e o sujeito passa a

uma posição que não é nem sujeito nem objeto direto, nem objeto indireto, mas é considerado 'X-rated' (Postal and Perlmutter) ou, segundo a terminologia de Comrie, Objeto Oblíquo:

(23) O livro foi dado ao aluno pelo professor  
S.UJ.                    O.BJ. IND    O.BJ. OBL.

Esse sujeito por sua vez pode também ser apagado em vez de deslocado:

(24) O livro foi dado ao aluno.

Segundo a proposta de Comrie, se a teoria subjacente à Gramática Relacional for suplementada com uma hierarquia de relações sintáticas com o sujeito no topo dessa hierarquia, a saber:

SUJEITO – OBJ. DIRETO – OBJ.INDIRETO – OBJ.OBLÍQUO

poder-se-ia falar em promoção do objeto direto (para a posição do sujeito) e em deslocamento do sujeito (para a posição de objeto oblíquo).

Segundo Comrie, uma das restrições que aparecem nos estudos ligados à Gramática Relacional é a de que todo deslocamento do sujeito numa sentença passiva tem como resultado necessário a promoção do objeto para a posição antes ocupada pelo sujeito. Em outras palavras, todo deslocamento de sujeitos em construções passivas acarreta *necessariamente* o deslocamento do objeto para a posição de sujeito. Esse tipo de restrição, para ele, se deve ao fato de se ter dado muita ênfase ao estudo do deslocamento do objeto em construções passivas em detrimento do estudo do deslocamento (ou apagamento) do sujeito nessas mesmas construções. Isso resultou em análises distintas para os casos de deslocamento e apagamento do sujeito, tornando-se meramente acidental o fato da passiva em inglês – e em tantas outras línguas – ser utilizada tanto para deslocar como para apagar sujeitos.

Se, ao invés de deslocamento versus apagamento de sujeitos em construções passivas, passássemos a analisar esses dois fenômenos sob o nome genérico de REMOÇÃO do sujeito e atribuíssemos como funções da passiva 1) Remoção de Sujeitos e 2) Promoção de Objetos, teríamos condições de:

- a) fornecer uma explicação mais unificada a respeito da natureza da voz passiva em geral e
- b) explicar a relação existente entre a chamada passiva impessoal e a passiva pessoal que é justamente a Remoção do sujeito.

“É precisamente a remoção do sujeito que liga as passivas pessoal e impessoal e somente se aceitarmos a remoção como uma possibilidade independente da promoção (. . .) teremos uma ex-

plificação para as semelhanças (. . .) entre as passivas pessoal e impessoal em várias línguas.” (Op. cit. p. 58).

No caso do português é precisamente a remoção do sujeito que liga não só as chamadas passivas analítica e sintética, mas estas a construções com verbos transitivos diretos na terceira pessoa do singular, normalmente seguidos de um SN, como em (13) – (20). Esse SN por sua vez completa o sentido de transitividade desses verbos, exatamente, a meu ver, como em

(25) Adiaram as provas .

Qualquer que seja a análise proposta para as construções com SE do tipo

(26) Conserta(m)-se sapatos,

o fato desses verbos serem transitivos diretos nunca foi questionado ou negado. No entanto, o fato de sentenças como (26) não apresentarem nenhum sujeito-agente aparente tem dado margem a estudos controversos a respeito da existência ou não de um símbolo posição  $\Delta$  agente na estrutura subjacente a essas construções.<sup>9</sup>

Ainda com relação a (26) e semelhantes, convém lembrar que embora o SN esteja no plural o verbo ocorre muitas vezes no singular, forma não-marcada ou a menos marcada, o que, para mim, constitui evidência em favor da análise de Comrie: a remoção do sujeito para outra posição na sentença que não a original leva o verbo para a terceira pessoa do singular, como acontece em muitos casos de posposição do sujeito em português. Construções de ‘sentido passivo’ com verbos transitivos diretos sem qualquer indicação formal da presença de um SN sujeito são ainda algumas das características apresentadas por línguas que admitem as chamadas construções passivas impessoais, construções nas quais Comrie se baseia para argumentar em favor de um deslocamento espontâneo do sujeito.

Como observa Naro (1968) a respeito da evolução da passiva em português, depois de 1550 as “novas construções com SE não envolviam nem especificação de agente nem movimento de objeto. . .”<sup>10</sup> (p. 117).

Se admitirmos, portanto, que a passiva pode tanto *promover* SNs objetos como *remover* SNs sujeitos, poderemos explicar com base na remoção de sujeitos, a relação de sinonímia que existe entre as sentenças abaixo:

(27) As provas foram adiadas .

(28) Adiaram-se as provas .

(29) Adiou-se as provas .

(30) Adiou as provas!<sup>1</sup>

Em (27) temos um exemplo de remoção do sujeito e promoção do objeto, em (28), (29) e (30) temos exemplos de remoção do sujeito, ou, em outras palavras, exemplos de deslocamento espontâneo do sujeito. O que difere (27) das demais talvez seja, como ainda sugere Comrie

“uma pequena correlação entre as passivas impessoal e pessoal e a impossibilidade versus possibilidade de se manifestar formalmente o sujeito subjacente a essas construções. . .” (p. 50).

## 6. Como tudo isso se liga à reflexivização?

O estudo da evolução da conjugação reflexiva à indeterminação do sujeito pode nos ajudar a compreender em parte porque verbos como *chamar-se*, *batizar-se*, *operar-se*, *vacinar-se* e outros são interpretados como passivos em

(31) Chamo-me Luís.

(32) Ele se operou de hérnia .

(33) Batizei-me na igreja do Carmo!<sup>2</sup>

em que o sujeito é o paciente da ação verbal.

Segundo Martinz de Aguiar<sup>13</sup>, a função inicial e própria do pronome SE é, como em latim, a de reflexivo, i.e. faz refletir sobre o sujeito a ação praticada por ele mesmo. Em '*O homem cortou-se*', por exemplo, o pronome indica ao mesmo tempo a atividade: *O homem cortou* e passividade: *e foi cortado*, pois a si próprio é que cortou. Essa interpretação 'passiva' do SE se estendeu a outros verbos transitivos diretos dando origem a construções tipo '*Vendem-se casas*'. Como nesse tipo de construção o agente nunca chegou a ser formalmente expresso, o pronome acabou por assumir também a função de indeterminador do agente em casos como *Dança-se*, *Estuda-se*, *Dorme-se*, *Precisa-se de empregada*, envolvendo verbos não transitivos diretos ou estes empregados intransitivamente, estendendo-se aos chamados verbos atributivos ou de ligação: *Quando se é bom a vida é monótona*.

Convém também lembrar que os reflexivos em português têm sido divididos em, basicamente, dois grupos. De um lado os chamados reflexivos obrigatórios ou verbos essencialmente pronominais como *atrever-se*, *queixar-se*, *apaixonar-se*, também considerados 'pseudo-reflexivos', pois nesses casos os pronomes (me, te, se, etc) não indicam precisamente a revolução da ação verbal sobre o sujeito. Por outro lado temos os chamados reflexivos acidentais ou reflexivos propriamente ditos: *cortar-se*, *barbear-se*, etc. (Cf. L.Q.N. Almeida, 1977; N.M. de Al-

meida, 1979), cuja reflexividade é muito mais pronunciada, i.e. indicam precisamente a revolução da ação verbal sobre o sujeito.

São exatamente os verbos que pertencem a esse segundo grupo — o dos reflexivos propriamente ditos — que admitem também uma interpretação passiva. Note-se que essa interpretação passiva não depende unicamente das relações sintáticas que se estabelecem na sentença em que eles ocorrem, mas ainda da especificação semântico-pragmática dos itens lexicais em questão. Em (31) — (33) por exemplo, sabemos que em circunstâncias normais — pelo menos em nossa cultura — uma pessoa não se batiza, mas *é batizada*; não se opera, mas *é operada* ou *sofre* uma operação.

Por outro lado, sentenças como:

(34) Uma vez transitivo pode perfeitamente apassivar-se o verbo.

(35) Desloca-se o sujeito de uma oração nos seguintes casos: . . .

encontradas abundantemente em gramáticas e trabalhos lingüísticos admitem uma interpretação 'passiva' com conseqüente omissão do agente:

(34a) Uma vez transitivo o verbo pode perfeitamente ser apassivado.

(35a) O sujeito de uma oração é deslocado nos seguintes casos: . . .

Essa interpretação não é, no entanto, a prioritária em:

(34b) Uma vez transitivo o verbo pode perfeitamente se apassivar.

(35b) O sujeito de uma oração se desloca nos seguintes casos: . . .

Da mesma forma

(36) Apagou-se a luz .       difere de

(37) A luz se apagou .

pois em (34b), e (35b) e (37) o sujeito da ação verbal está formalmente expresso, o que condiciona a interpretação do SE a sua função 'primeira' de reflexivização. Ao passo que em (34), (35) e (36) não há sujeito aparente, formalmente expresso nessas construções. Isso leva o pronome a ser interpretado como índice de passivização-omissão de agente. Em outras palavras, a interpretação reflexiva do SE em sentenças do português, envolvendo os chamados reflexivos propriamente ditos, parece depender de um não-deslocamento versus deslocamento espontâneo do sujeito no sentido que Comrie atribui a essa expressão.

É preciso, no entanto, ressaltar que uma explicação baseada unicamente nas relações sintáticas que se estabelecem numa sentença em

conseqüência de um deslocamento ou não-deslocamento do sujeito não é suficiente para explicar todos os casos de passivização-omissão de agente-reflexivização que ocorrem na língua. Isso porque não é sempre que se pode estabelecer uma correspondência um-a-um entre forma e sentido. Ou seja, muitas vezes não há uma correspondência direta entre homogeneidade sintática e homogeneidade semântica ou pragmática.<sup>14</sup> Observe-se as sentenças abaixo:

- (38) Mudando a posição dos números o produto não se altera.
- (39) As coisas se compreendem pelos cinco sentidos.
- (40) Esse problema se intensificou quando eu adoeci.

Nas sentenças acima, a presença formal de um sujeito não acarreta necessariamente uma interpretação reflexiva pois o SE não indica revolução da ação verbal sobre o sujeito que, nesses casos, não é o agente da ação. A reflexivização estaria, portanto, condicionada à ocorrência destes verbos com determinados SNs sujeito-agentes em potencial. Paralelamente a (31) – (33), a estrutura gramatical de (38) – (40) é, a meu ver, ‘sensível’ ao contexto semântico-pragmático. Outras vezes, a estrutura gramatical como que ‘resiste’ às investidas do contexto semântico-pragmático. Nos exemplos abaixo o SE continua não especificando o agente da ação verbal, independente do fato dessas sentenças – (41) e (42) – estarem indiscutivelmente ligadas à pessoa do falante:

- (41) A água da piscina está tão limpa que se vê até o fundo.
- (42) Esse banheiro está tão escuro que não se enxerga nada lá dentro.

Para uma compreensão geral destes e de muitos outros fatos lingüísticos é necessário não só demonstrar a interrelação existente entre os vários componentes da gramática, mas também estabelecer até que ponto certas estruturas sintáticas no caso, são ‘vulneráveis’ à ação de outros componentes da gramática.

7. Os fenômenos lingüísticos aqui estudados nos levam a concluir que também no português a passivização e a omissão do agente (passivas pessoais e impessoais) estão intimamente relacionadas. Como esses dois fenômenos e o da reflexivização se manifestam também através do emprego do pronome SE, não me parece mera coincidência, ou malabarismo intelectual que uma explicação proposta para as chamadas passivas impessoais possa se aplicar à reflexivização. Essa possibilidade decorre justamente do parentesco entre essas construções que, sensíveis que são a fatores semântico-pragmáticos, ora se distinguem, ora se confundem, como todo fenômeno lingüístico que se preza.

## NOTAS

1. Na literatura lingüística a indeterminação do agente envolvendo o pronome SE é um fenômeno que tem sido discutido frequentemente sob o rótulo de *impessoalização*. Optei pela expressão *indeterminação ou omissão do agente* para distinguir estas de construções nitidamente impessoais, como é o caso de verbos como 'chover', 'ventar' etc. e do verbo 'ser' em construções do tipo: 'Era fim de tarde'. Observe-se ainda que Statha-Halikis (1977) embora use a expressão *passiva impessoal* para se referir a um determinado tipo de construção, ele a(s) analisa, seguindo Langacker e Munro, como construções em que o sujeito semântico está *não-especificado*.
2. Cf. Almeida, 1977.
3. Esse estudo e subseqüentes discussões com colegas e alunos me levaram a concluir que o fenômeno tradicionalmente chamado 'passivização' — estruturas SER-DO em que o sujeito é o paciente da ação verbal — não se presta a uma única definição ou explicação. Tanto é que tem se distinguido *forma e sentido* passivos de *forma e sentido* ativos. Por exemplo:
  - a) Há construções na língua como:
    - (i) Os livros importados estão sobre a mesa.  
que são ambíguas quanto ao fato de um determinado item lexical — no caso 'importados' — poder ser analisado como parte de um SV ou parte de um SN, conforme a interpretação que se dê à sentença.
  - b) Há construções de sentido passivo e forma ativa:
    - (ii) Empurraram-me para dentro do ônibus.
  - c) Há construções de forma passiva e sentido ativo:
    - (iii) É chegada a hora.
    - (iv) Eu ainda não era nascida em 1948.
  - d) e ainda construções 'problemáticas' para uma definição tradicional:
    - (v) A chácara está cercada pela polícia.
    - (vi) As flores estão orvalhadas pelo sereno.
    - (vii) O marechal ia protegido pelos soldados.
    - (viii) Ela vive perturbada por agitações íntimas.
    - (ix) A porta fica guardada por um vigia especial. etc.Seguindo, portanto, a tradição lingüística continuarei a usar os termos 'passiva' e 'passivização' consciente de que semanticamente a passiva não se distingue de certas construções consideradas *ativas* que envolvem omissão do agente (ex. (i) e (ii)), e

sintaticamente apresenta problemas de definição (ex. (i), (v) – (ix)).

4. Observe-se ainda N.M. de Almeida, 1979 p. 211 § 393.
5. Cf. Said Ali, 1966; A.J. Naro, 1968; M. do Nascimento, 1979.
6. Em determinado contexto pragmático (10) poderia admitir uma interpretação 'passiva', i.e. *Abriram-se as rosas* equivaleria a *Abri-ram-se os pacotes (ou embrulhos) que continham rosas*. No entanto, seguindo Quicoli, estou analisando as interpretações de (7), (9) e (10) em seus sentidos literais.
7. "O jaboti dá pra ver (ser visto) de noite", conforme registrado em Pontes (1981).
8. Os exemplos (17), (18), (21) e (22) foram retirados de gravações. Gostaria de agradecer especialmente a Iris Silva Pereira de cuja gravação retirei os exemplos (13) – (16).
9. Cf. A.J. Naro, 1968; A.C. Quicoli, (cop. mim.); M.M. Azevedo, 1973.
10. No original: ". . . the new se-construction does not involve either agentization or object fronting. . ."
11. Poderíamos completar essa seqüência com mais um exemplo, a saber:  
'Adiaram as provas', construção normalmente descrita pela gramática tradicional como 'típica' da indeterminação do agente.
12. Observe-se que na língua oral o pronome SE não é normalmente usado nesses casos, sem que isso, no entanto, acarrete prejuízo da interpretação:  
'Eu chamo Luís.'  
'Ele operou de hérnia.'  
'Batizei na Igreja do Carmo.'
13. Martinz de Aguiar, 1942, 'Notas e Estudos de Português', Fortaleza, apud Bechara, 1978.
14. Cf. Kempson, 1977, cap. 10.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Lúcia Quental Novaes. *Os reflexivos em Português*. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade de Brasília, 1977.
2. ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 28 ed. Edição Saraiva, 1979.
3. ALI, Said. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Editora Universidade de Brasília, 1964.
4. \_\_\_\_\_. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 6.ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1966.
5. AZEVEDO, Milton Mariano. *On Passive Sentences in English and Portuguese*. Ph. D. Dissertation. Cornell University, 1973.
6. BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 11. ed. Grifo, Rio de Janeiro, 1978.
7. CEGALLA D.P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 21. ed. São Paulo, 1980.
8. COMRIE, Bernard. 'In defense of spontaneous demotion: the impersonal passive.' In: *Syntax and Semantics* vol. 9 Academic Press, INC, 1977.
9. KEMPSON, Ruth Margareth. *Semantic Theory*. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge University Press, 1977.
10. NARO, Anthony Julius. *History of Portuguese Passives and Impersonal*. Ph. D. Dissertation. MIT, 1968.
11. NASCIMENTO, Milton do. *Sobre a semântica da passiva*. Dissertação de mestrado. FALE, UFMG, Belo Horizonte, 1979.
12. PONTES, Eunice. 'A problem in teaching a first language: topicalization in portuguese.' In: *Ensaio de Lingüística* nº 5. Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura. UFMG, Belo Horizonte, 1981.
13. QUICOLI, A. Carlos. 'Portuguese reflexivization and some related problems.' Universidade de São Paulo. Cópia mimeografada.
14. STATHA-HALIKAS, Hariklia. 'From impersonal to passive: the Italo-Celtic evidence'. *Papers from the 13th Regional Meeting: Chicago Linguistic Society*, Chicago, 1977.
15. VEADO, Rosa Maria Assis. *Comportamento Lingüístico do Dialeto Rural*. Dissertação de Mestrado. FALE, UFMG, Belo Horizonte, 1980.